Entre a Polônia e o Brasil

Histórias de família

Costumes passados de geração em geração

Famílias Freder e Orzechowski

Relato de Schirlei Freder

O cheiro de comida pela casa, a alegria de encontrar meus primos e tios na casa dos meus avós, a mesa farta, as canções de Natal, a partilha do *opłatek* e até o medo do papai noel... essa é a lembrança mais antiga que tenho da herança polonesa, e ela vem do lado paterno da família, dos meus avós Tadeu Freder e Felicia Freder, nascida Orzechowski. É sobre eles este relato. Dali vêm as lembranças dos encontros, das festas em família, da religiosidade, do idioma e dos muitos sabores e costumes que guardaram e passaram a cada descendente.

Tadeu e Felicia nasceram em Cruz Machado, no Paraná: ele em 1921 e ela em 1927. Ambos pertencem à primeira geração de suas famílias nascida no Brasil. Casaram-se em Cruz Machado, em 1945.



Foto: Casamento de Tadeu e Felicia, 1945, Cruz Machado (PR). Fonte: Acervo pessoal.



Foto: Os noivos Tadeu e Felicia, 1945, Cruz Machado (PR). Fonte: Acervo pessoal.

Os pais de Tadeu, João Freder e Antonina Freder (nascida Siarkowski), vieram da Polônia para o Brasil ainda crianças, em 1895, e se estabeleceram em Rio Claro do Sul (PR), localidade que recebeu grandes grupos de imigrantes naquela época. Casaram-se em Mallet (PR), em 1911.

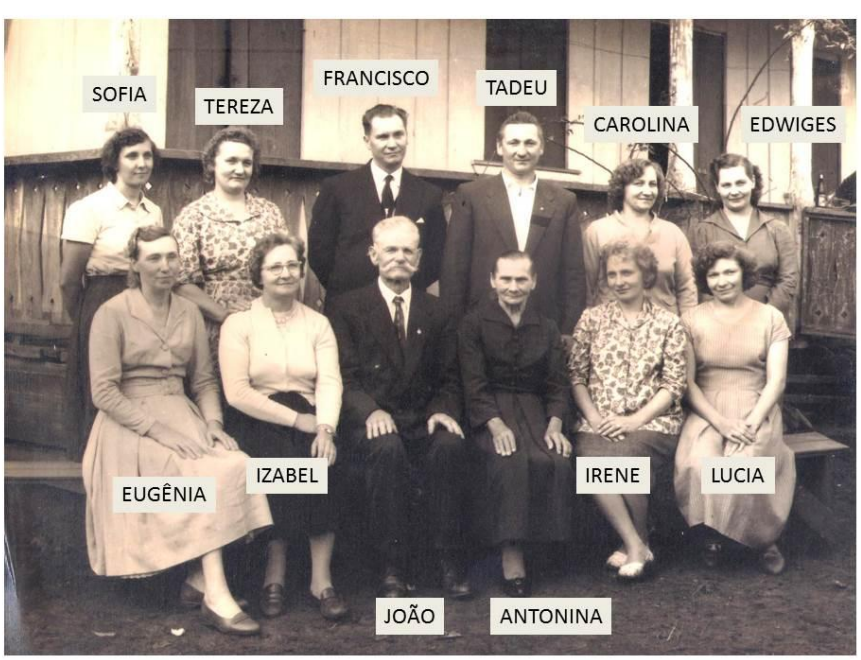


Foto: Bodas de Ouro de João e Antonina Freder, 1961, Cruz Machado (PR), com os pais e seus dez filhos. Fonte: Acervo pessoal.

Uma curiosidade: Miguel Siarkowski (Michał, em polonês), pai de Antonina, dava aulas de matemática a João, que mais tarde seria seu genro. Michał também falava alemão com fluência e ensinava sobre o uso de ervas. Antonina, os pais e os irmãos imigraram na mesma época que a família Freder, como mostram os dados a seguir. Entraram no Brasil registrados como austríacos. Naquela época, a Polônia não existia como país: estava dividida entre os impérios russo, prussiano e austríaco, e por isso muitos poloneses entravam no Brasil registrados com a nacionalidade do império que dominava sua região.

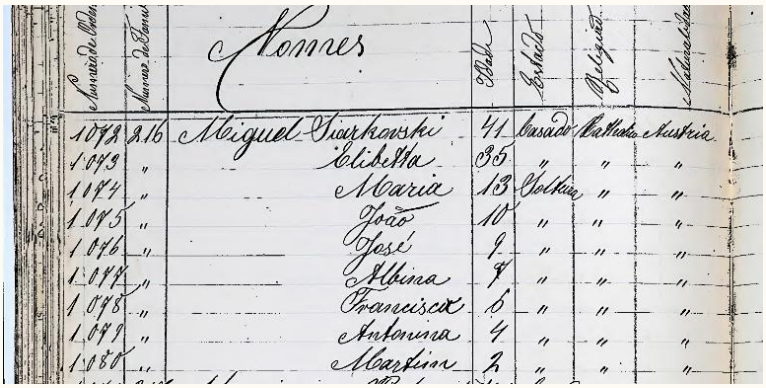


Imagem: registro de imigrantes. Fonte: Rodzina (p. 97). Acesso em: https://rodzina.grupomazury.org/data/pt-br/content/registro-de-imigrantes-col%C3%B4nia-rio-claro-1892-1896.

Os pais de Felicia, João Orzechowski e Catharina Orzechowski (nascida Malinowski), vieram da Polônia ainda jovens, em 1911, e se estabeleceram em Cruz Machado, numa época em que a região continuava recebendo grandes grupos de poloneses. Casaram-se ali mesmo, em 1924.



Foto: Catarina (Malinowski) Orzechowski e João Orzechowski. Fonte: Acervo pessoal.

Desde os anos 2000 me dedico a pesquisar a árvore genealógica da minha família, com seus quatro ramos (paterno e materno). Vale dizer que todos os nomes e sobrenomes aparecem escritos de formas diferentes nas mais variadas fontes, como registros de imigração, cartórios, igrejas e escolas. Por isso, pode haver erros de grafia. Freder, por exemplo, também aparece como Fryder.

Nessas pesquisas, os depoimentos dos familiares são essenciais. Minha tia Ines Freder, irmã do meu pai, contou, por exemplo, que Tadeu e Felicia estudaram numa escola pequena, no interior de Cruz Machado, perto de onde moravam, e que só aprenderam português quando começaram a estudar. Em algumas escolas do município isso ainda acontece, em número cada vez menor a cada ano, mas foi registrado até em 2026: as crianças chegam à escola falando apenas polonês e aprendem o português ali.

Na época dos meus avós, esse era um grande desafio. Além de aprender as matérias, eles precisavam se esforçar para entender um idioma novo e um professor que só falava português. As condições eram difíceis. Mesmo assim, foram incentivados a estudar. Contaram à filha Ines que caminhavam vários quilômetros por dia até a escola e que estudaram até os anos iniciais do primário, o equivalente hoje ao quarto ano do ensino fundamental.

Os poucos anos de escola não impediram Tadeu de ser um empreendedor. Foi líder comunitário e inspetor municipal no Rio da Areia, em Cruz Machado, e participou da emancipação do município, o processo pelo qual Cruz Machado passou a ter autonomia política e administrativa (1951 e 1952).

O município foi criado por lei sancionada pelo governador em 14 de novembro de 1951 e instalado oficialmente em 14 de dezembro de 1952. Tadeu foi um dos primeiros vereadores da cidade e esteve entre os mais votados daquela gestão, sinal do reconhecimento que tinha na comunidade.

Em 1953, ele já tinha um dos primeiros caminhões do município de Cruz Machado. Depois, abriu um comércio na sede do município, que ficava aos cuidados da minha avó enquanto ele viajava para buscar e levar mercadorias. Era ela quem cuidava do balcão, tinha apoio para cuidar dos filhos e cuidava dos detalhes da casa. Contam ainda que ele colaborava levando soro antiofídico (usado no tratamento de picadas de cobras) para o Instituto Butantã, em São Paulo.



Em 1968, a família se mudou para Curitiba, e em 1970 Tadeu e Felicia completaram as bodas de prata, o 25º aniversário de casamento. Em Curitiba, ele manteve a mesma característica: estar sempre atento ao que o mercado precisava em cada momento. Começou com um comércio de secos e molhados, o famoso "armazém", que vendia desde alimentos como arroz, feijão e farinha até bebidas. Esse armazém ficava no bairro Xaxim e era conhecido como "Armazém Verde", muito lembrado na época. Mais tarde, passou a fabricar artefatos de cimento. Mesmo depois de aposentado, continuou vendendo doces, só para manter contato com os clientes.

Foto: Bodas de prata de Tadeu e Felicia, 1970, em frente ao comércio, no bairro Xaxim, em Curitiba (PR). Fonte: Acervo pessoal.

Depois do falecimento dos meus avós (Felicia em 1994 e Tadeu em 1999), muitos costumes se perderam, até porque a maioria dos filhos já tinha constituído sua própria família. Ainda assim, ficou a vontade de reunir todos, e conseguimos realizá-la. Era um desejo que, com certeza, estava na alma dessas grandes famílias.

Em outubro de 2019, reunimos mais de 80 integrantes das famílias dos irmãos João e José Freder.



Foto: I Encontro da Família Freder (Fryder), outubro de 2019, Guarapuava (PR). Fonte: Acervo pessoal.

Em janeiro de 2020, reunimos mais de 110 integrantes da família Orzechowski.



Foto: I Encontro da Família Orzechowski, Guarapuava (PR). Fonte: Acervo pessoal.

Nos dois encontros, renasceu em cada um de nós a sensação de pertencimento e de união, a certeza de que nunca nos afastamos. É a mesma sensação que sempre uniu as duas famílias em piqueniques, casamentos, festas da comunidade e nas inúmeras visitas, um costume que meus avós mantiveram até o fim da vida. Era a forma deles de dizer que a gente sempre lembra de quem quer bem.

Schirlei Freder – schirlei.freder1@gmail.com

Realização:

CASA DA CULTURA POLÔNIA BRASIL

Financiamento:

Senat – Polonia 2026

Apoio:

KUL